

CALAMIDADE NO RS

Cicatrizes profundas em quem perdeu mais que a casa

Dário Gonçalves

dario.goncalves@gruposinos.com.br

No dia 25 de abril, Diovana Bauer, 22 anos, e seu marido Lucas Eduardo da Silveira, 24, mudaram-se para Três Coroas, no Vale do Paranhana. O objetivo era recomençar a vida em busca de um futuro melhor. Exatamente uma semana depois, suas vidas realmente mudaram, mas de forma trágica, com cicatrizes que ficarão para sempre.

O casal é natural de Três Coroas, mas viveu os últimos dois anos em Novo Hamburgo.

“O proprietário da casa onde morávamos subiu muito o aluguel, então decidimos voltar”, conta Lucas. A casa para onde foram ficava a poucos metros do Rio Paranhana. No mesmo pátio, havia também a casa de Onore Scheffer Bauer, 66 anos, que ficava no meio, e a casa do pai de Diovana, João Manoel da Silva, 53, na frente.

Hoje, nenhuma das três casas existe, assim como

tantas outras que ficavam na Rua da Indústria, no Centro da cidade. A maior enchente da história atingiu o local na madrugada do dia 2 de maio e levou tudo. Onore era avô de Diovana e também foi levado pelas águas do Paranhana. Seu corpo foi encontrado dois dias depois, às margens do rio, cerca de dois quilômetros à frente.

Na propriedade onde a família se reunia, com três casas e um quiosque para churrasco, restam lama e escombros de outras casas. Não sobraram nem mesmo objetos pessoais, pois as casas que pertenciam à família de Diovana foram para longe dali.

Antecedeu a tragédia

Diovana, Lucas, e os pais dela se mudaram para Novo Hamburgo há cerca de dois anos. O pai da garota, ainda se dividia entre Três Coroas e a nova casa, enquanto Onore morava sozinho com dois cachorros e um gato na casa do meio. Como a irmã de Dio-



Recomeço de Diovana e Lucas será do zero

vana também havia se mudado, a casa mais próxima ao rio estava sozinha e o casal voltou para a cidade natal em busca de oportunidades e morar sem pagar aluguel.

A mudança ocorreu no dia 25 de abril, quando a chuva começou. A permanência na nova casa durou pouco, pois quatro dias depois, Diovana e Lucas pegaram o carro e se abrigaram na casa da avó do rapaz, no bairro Sander. “Quando começa a encher a rua pelos bueiros, o rio vai subir. Só que a gente nunca viveu uma enchente naquela

FOTOS DÁRIO GONÇALVES/GES-ESPECIAL

casa. Quando acontecia, vínhamos para a casa do meu pai”, relembra Diovana.

Onore, que tinha a casa mais alta, decidiu ficar. De terça para a quarta-feira (1º), a água invadiu as casas, mas depois baixou. João, o pai de Diovana, foi para Três Coroas ver como as coisas estavam e tentou levar o sogro Onore para um local seguro. “Meu avô era cabeça dura, ele não quis sair. A chuva acalmou na quarta-feira em Três Coroas, mas na Serra ainda tinha muita água que estava descendo”, conta a neta.



Diovana encontra foto, mas não pertence à sua família

Quando finalmente conseguiram voltar para casa, no sábado (4), o choque tomou conta. A casa do avô de Diovana estava no fim da rua, há cerca de 200 metros. Lá, estava um dos cachorros de Onore, vivo. O outro havia se abrigado na casa do vizinho e o gato foi encontrado no telhado do quiosque. “Como o cachorro estava lá, tínhamos certeza que ele também estava na casa, porque os dois estavam

sempre juntos”, explica a neta. No mesmo dia, os bombeiros localizaram o corpo quase no limite com Igrejinha.

Diovana e Lucas seguem abrigados na casa da avó de Lucas, e é lá, nos fundos do pátio, que pretendem construir um novo lar para viverem, bem longe do rio. Para isso, uma campanha on-line foi criada e pode ser acessada em vakinha.com.br/4725033.



Casa de Lindomar e Danubia por um fio de despençar

Problemas também pelos deslizamentos

Danubia Indira Caraffini Paci, 32 anos, e Lindomar Damião, de 38, são moradores da Rua Nicolau Braun, na Vila Dreher, em Três Coroas. Ou melhor, eram. Isso porque deslizamento no dia 11 de maio levou parte da casa onde viviam com os dois filhos, de 11 e 5 anos. A parte que restou está pendurada e é questão de tempo para que também desabe ou seja derrubada. O fato é que morar ali não é mais possível.

Lindomar conta que na madrugada de sábado (11), chegou em casa por volta das 3 horas, após o trabalho, encontrou uma rachadura vinda da área onde ficava sua piscina, passando por dentro da casa, atravessando a rua e chegando à casa do vizinho da frente. Preocupado, ligou para a Defesa Civil, que teria dito que “se fosse só uma rachadura, não havia perigo. Na segunda-feira (13), após a chuva parar, seria feita uma avaliação”.

Não houve tempo para isso, na tarde do mesmo

dia, parte da casa onde ficava a garagem e o quarto do casal desabou. O deslizamento levou todo o pátio, parte da rua, e a casa do vizinho da frente. Outras quatro casas também foram destruídas. Por sorte, ninguém ficou ferido porque Lindomar passou o dia avisando os moradores e todos haviam deixado o local.

Atualmente, a família está vivendo em um quiosque de festas no pátio da empresa de Lindomar. Eles já buscaram um local para locar e tentar o aluguel social, contudo, faltam imóveis. “Já procuramos até em Campo Bom. O que está disponível está com valores muito elevados”, conta Lindomar.

“Meu sonho inteiro se foi, minha casinha, meu paraíso”, lamenta Danubia. “Tivemos sorte disto acontecer enquanto não estávamos dormindo.” Na tentativa de reconstruir, o casal fez um financiamento coletivo: vakinha.com.br/4788988.

“Não sei se tenho casa para voltar”

Em Novo Hamburgo, Enio Alves de Oliveira, 68 anos, morador na Rua Leopoldo Wasun, bairro Santo Afonso, está há quase um mês abrigado com sua irmã. A água ainda alaga a região onde está sua casa e, por isso, ele ainda não consegue acessar o local para iniciar qualquer limpeza. E o cenário que viu ao passar de barco é desanimador. Ao menos a frente da residência desabou. “Minhas coisas eu perdi

tudo, não tenho mais nada. Tudo está dentro d’água há mais de 20 dias. A minha casa caiu e eu não sei se tenho casa para voltar. Não sei como vai ser, o que eu vou fazer”, lamenta.

Mesma situação vive Estrelita Duarte, 30 anos, da Rua Costa Rica. Sem conseguir chegar à residência, a imagem que ela vê de longe é de uma casa que desabou. “Não posso chegar na minha rua, é uma tristeza que não acaba.”

Uma ligação às 4 horas da madrugada

Antes de dormir, na noite do dia 1º para o dia 2, quinta-feira, Diovana conversava com o marido, projetando voltar para casa e limpar suas coisas durante o dia. Contudo, por volta das 4h da madrugada, ela foi acordada por uma ligação de seu vizinho, Gabriel Guilherme Kunrath, 22. O rapaz mora ao lado de onde existia a casa de Diovana e estava na sacada do segundo andar da sua residência. Naquele momento, ele fazia um vídeo da casa da frente, a pedido da proprietária, para mostrar a situação.

Enquanto Gabriel filmava, a casa que pertencia aos pais de Diovana foi levada pelas águas do Paranhana e se partiu ao meio ao atingir um poste de concreto. Atrás dela, vinha a casa de Onore, que bateu no mesmo poste e seguiu adiante junto ao curso do

rio. O idoso não foi mais visto com vida.

Gabriel ligou para Diovana e informou o que havia acontecido. A garota imediatamente tentou contato com os bombeiros, mas não conseguiu. Poucos minutos depois, acabou o sinal de telefone e de Internet. Quando o dia amanheceu, Diovana e Lucas tentaram voltar para casa, mas não era possível chegar. A água estava alta e a correnteza impedia os barcos de navegarem.

Mais tarde naquele dia, o vídeo das casas sendo levadas já havia se espalhado. “A primeira vez que vi, eu recebi de uma pessoa que mora em Santa Catarina. Ele nos falou, ‘olha como está na tua cidade’, aí a gente abriu o vídeo e viu que era a casa do meu pai e do meu avô. Entramos em desespero”, relata Diovana emocionada.